



4664 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT06 - Educação Popular

EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE: UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO HUMANIZADORA
 Tania Maria Salgado Tozi - OUTRAS

EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE: UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO HUMANIZADORA.

RESUMO:

O presente trabalho emergiu de uma dissertação de mestrado em Educação cujos objetivos foram entender algumas concepções de estudantes de um curso técnico de Enfermagem sobre sua formação profissional, articulando-os aos princípios da Educação Popular e Saúde (EPS). Pautando-nos na pesquisa qualitativa utilizamos como instrumentos de coleta: revisão bibliográfica, questionário e roda de conversa. Os resultados apontaram que os/as estudantes reconhecem a lógica tecnicista de sua formação e a necessidade de práticas mais dialógicas, participativas, em que haja partilha de saberes, relacionando a teoria com o cotidiano profissional. Sugerem também que as premissas da Educação Popular e Saúde, quando utilizadas em sala de aula, podem contribuir para uma formação mais humanizada, favorecendo o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo. Além disso, os depoimentos indicaram a urgência da inclusão de princípios humanizadores na formação técnica em Enfermagem, pois se mostrou notório no meio profissional e acadêmico o pouco conhecimento sobre essa modalidade de ensino, suas aplicações e implicações.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular e Saúde. Ensino Técnico de Enfermagem. Humanização. Formação.

Introdução

O presente trabalho traz problematizações emergidas de uma dissertação de mestrado em Educação, cuja pesquisa foi desenvolvida com uma turma de curso técnico de Enfermagem de uma escola profissionalizante^[1] de um município do interior paulista. Essa investigação teve como alicerce as seguintes questões: Como a formação profissional na área da Enfermagem pode possibilitar uma atuação mais humanizada? Quais contribuições a Educação Popular e Saúde (EPS) pode proporcionar na formação desses/as estudantes?

A metodologia da investigação foi baseada na pesquisa qualitativa e em alguns princípios da pesquisa participante, tendo como instrumentos de coleta de dados um levantamento bibliográfico - que corroborou para a elaboração do questionário -; a aplicação de um questionário com questões estruturadas; e uma roda de conversa, com intuito de atender às questões de pesquisa.

Segundo Brandão e Borges (2007, p. 51) na pesquisa participante os sujeitos “[...] aspiram a participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens do conhecimento popular”. Todo o proceder metodológico de nossa investigação buscou seguir esses preceitos.

O levantamento bibliográfico, para aporte do referencial teórico, foi realizado em sites específicos (Google acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* - Scielo), no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), na literatura especializada e na legislação vigente, tendo como principais referências as contribuições de Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Eymard Vasconcelos, entre outros/as.

Os resultados foram analisados a partir de alguns eixos levantados no questionário e dialogados na roda de conversa, com a intenção de refletirmos sobre quais aspectos se faziam presentes ou não na formação dos nossos educandos e educandas e sugestões de como melhorar essa formação, a partir das premissas da EPS. Os principais eixos foram: amorosidade, construção conjunta de saberes, diálogo, problematização, emancipação e conscientização.

Educação Popular e Saúde no processo de Aprender-e-ensinar Enfermagem

A Enfermagem, seja em nível técnico ou superior, é uma área que desperta muito interesse por parte de educandos/as, o que se confirma na considerável procura por cursos técnicos em função de seu leque de possibilidades de atuação. Porém a formação profissional ainda é uma preocupação bastante presente na atualidade.

Conforme ressaltam Barbosa et. al. (2011, p.50) “a educação profissional de nível técnico em Enfermagem deve formar profissionais com competências e habilidades para melhor entender a prática da Enfermagem e a dinâmica de sua inserção no mundo do trabalho”. Porém, é preciso outro olhar para esses/as educandos/as e futuros/as profissionais, atentando para uma formação mais humanizada, em que não somente a prática e a técnica envolvidas em seu que-fazer sejam valorizadas, mas sim o ser das pessoas que tocam e são tocadas nesse processo.

Existem diversas formas de ensinar-e-aprender, assim como as/os profissionais terão diversas possibilidades de

atuação. Ocorre, entretanto, que não raro presenciamos na área da saúde uma atuação desumanizada por parte dos/as profissionais. As razões que levam a essa desumanização são múltiplas e diversas e remetem a distintas origens: a valorização, na formação profissional, da execução de técnicas negligenciando a vida e a pessoa que está sendo tratada; a hierarquização de papéis no atendimento e a precarização do trabalho técnico; a ausência de uma formação continuada para lidar com questões cotidianas relacionadas à prática, entre tantas outras.

Segundo Dias et al. (2013) as perspectivas e preocupações das/dos estudantes frente à área de Enfermagem estão direcionadas a fazer a diferença na prestação de atendimento à pessoa doente, atuando de forma humanizada nas técnicas executadas, proporcionando à/ao paciente conforto e tranquilidade.

Muitas vezes, entretanto, a educação frustra aqueles e aquelas que desejam aprender mais para fazer a diferença, para alcançar o Ser Mais de que trata Freire (2015). Como Sulzbacher et al, (s/d, p.02) salientam:

A educação frustrada precisa dar lugar à construção de uma prática pedagógica diferenciada, pautada na formação do ser humano. Estas devem nortear as inquietações que motivam o ser humano num constante movimento de procura que, neste caso constitui-se pela busca de uma outra educação. [...]. A educação popular em construção precisa da coerência das práxis e, assim o educando passa a ser sujeito da produção de seu conhecimento.

Nessa mesma perspectiva, Albuquerque e Stotz (2004, p.260) afirmam que:

A educação popular pode ser um instrumento auxiliar na incorporação de novas práticas por profissionais e serviços de saúde. Sua concepção teórica, valorizando o saber do outro, entendendo que o conhecimento é um processo de construção coletiva, tem sido utilizada pelos serviços, visando a um novo entendimento das ações de saúde como ações educativas.

A Educação Popular na área da saúde pode contribuir para construir processos de ensinar-e-aprender que resgatem e valorizem o conhecimento popular, permitindo a apropriação e utilização desses saberes em benefício dos próprios sujeitos envolvidos, valorizando sua participação social, cultural e política (DALENOGARE; ALBERTI, 2011).

Nessa perspectiva, o alicerce central da EPS assenta-se numa educação humanizada pautada no diálogo entre os sujeitos, envolvendo todas suas dimensões (ALVEZ; AERTS, 2011), mostrando-se uma forte aliada para formação técnica em Enfermagem. Complementam Amaral, Pontes e Silva (2014, p. 1548):

[...] a EPS pode ser compreendida como um modo particular de reconhecer e enfrentar os problemas de saúde mediante o diálogo com as classes populares, o respeito às suas culturas, o reconhecimento dos seus saberes como válidos e tendo como substrato o corpo teórico da Educação Popular, formulada por Paulo Freire no Brasil.

A Educação Popular e Saúde é alvo de reconhecimento internacional, por meio do comprometimento e das experiências de profissionais e movimentos sociais, que estão realizando práticas extremamente criativas e produtivas. A participação de profissionais em movimentos organizados pela EPS, segundo Vasconcelos (2004, p. 75) tem contribuído para a "desconstrução do autoritarismo dos doutores, do desprezo ao saber e à iniciativa dos doentes e familiares, da imposição de soluções técnicas para problemas sociais globais". Além disso, a EPS problematiza, também, a ideologia econômica e política que enfatiza um modelo biomédico vertical e único.

Nessa perspectiva, ainda de acordo com Vasconcelos (2004, p. 05) a EPS "é o campo de prática e conhecimento do setor saúde que tem se ocupado mais diretamente com a criação de vínculos entre a ação médica e o pensar e fazer cotidiano da população". E essa ação médica englobaria a ação de profissionais da saúde em geral.

Acreditamos que a EPS pode auxiliar numa ruptura da hierarquia em que somente o/a médico/a detém o conhecimento e as demais pessoas envolvidas não possuem sequer o direito de terem suas vozes ouvidas, uma vez que todas têm algo a ensinar.

Algumas vozes das e dos participantes

Nos apoiamos na abordagem qualitativa para realização dessa pesquisa, uma vez que a preocupação não recaiu em conotações numéricas e sim em interpretar, entender as expectativas, inquietações e opiniões de um determinado grupo. Nesse aspecto Minayo (2001, p.22) vem colaborar dizendo que essa abordagem "trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis".

Na busca desse universo de significados, em um primeiro momento da pesquisa foi utilizado um questionário com perguntas estruturadas, construído após uma revisão bibliográfica com vistas a levantar percepções e desafios enfrentados na formação técnica em Enfermagem. A formulação das questões foi realizada com o intuito de investigar o que os/as educandos/as pensam sobre sua formação, como estão visualizando sua profissão e o que esperam dessa formação.

Após a análise dos questionários, em um segundo momento foi proposta uma roda de conversa para debater os resultados levantados. Sobre a roda de conversa Silva e Bernardes (2007, p.54), ressaltam que "[...] é um meio profícuo de coletar informações, esclarecer ideias e posições, discutir temas emergentes e/ou polêmicos. Caracteriza-se como uma oportunidade de aprendizagem e de exploração de argumentos, sem a exigência de elaborações conclusivas".

As rodas de conversa foram gravadas perante autorização das/os educandas/os e posteriormente transcritas. Os depoimentos foram de grande valia para composição da investigação, pois trouxeram ricos elementos para reflexão e problematização sobre sua formação.

Conforme notado durante a investigação, o ingresso no curso de Enfermagem muitas vezes está voltado a suprir a falta de oportunidade em realizar outros cursos, como Medicina ou Odontologia. As/os alunas/os encontram na Enfermagem a chance para ingressar na área da saúde por ser um campo que as/os motiva e no qual gostam de atuar,

também por ser a profissão mais próxima daquela que gostariam de exercer. Como mostra o relato a seguir:

Eu sempre gostei de Odontologia, mas é muito caro, eu não teria condições de pagar, área então eu resolvi fazer Enfermagem, é um curso mais barato, é da saúde e dá para atuar em várias outras áreas, e ajudar as pessoas (C)[2].

Mesmo não sendo a área em que realmente gostariam de atuar, após o ingresso no curso, as/os alunas/os pensam em fazer o melhor em sua prática profissional, pois percebem a fragilidade das pessoas quando estão internadas em um leito de hospital precisando de cuidados, atenção e carinho de outrem. As narrativas apontam que estão à procura de uma profissão na qual possam desempenhar atividades de forma amorosa.

A amorosidade, um dos pressupostos da EPS é estimulada por Freire (2015, p.111):

O ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque amoroso, é dialógico [...]. Como ato de valentia, não pode ser piegas, como ato de liberdade não pode ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens/mulheres, não me é possível o diálogo.

É visível nas falas das/os participantes sua percepção sobre a falta de amor e humanização presentes nos hospitais. Identificam muitas vezes que o descaso no atendimento ao/a paciente parte da falta de recursos e precarização do trabalho. Entretanto, reconhecem que, como ressalta Freire (2015, p. 131) “para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das ‘situações-limites’ em que os homens [e mulheres] se acham quase coisificados”.

O problema de saúde é muito sério, quando você não tem uma colher você improvisa uma. [...] A pessoa que está dentro do hospital não está ali porque quer, então eu acho assim, falta de recurso para trabalhar não justifica sua grosseria e má educação com o paciente, que não gostaria de estar ali (FM).

Essas situações-limites, entretanto, não justificariam a falta de amor para com o próximo. Nesse sentido, afirmam que pretendem, quando estiverem trabalhando, atuar de forma diferente, transformando essa realidade.

A falta de recurso não justifica você ser grosso. Por exemplo o cara está mal e você não tem remédio para dar para ele, não justifica você ir lá e mandar ele calar a boca, você não pode resolver na hora, ok, mas não tem nada a ver (BA).

Para superar as ‘situações-limites’ as/os educandas/os percebem e reconhecem que seria importante refletirem sobre a realidade em que estão inseridas/os e gostariam de uma educação menos tradicional estruturando um *que-fazer* permeado pelo diálogo e pela construção conjunta de saberes (VASCONCELOS; OLIVEIRA, 2009).

Assim, o diálogo se faz necessário para que, a partir dessa troca de saberes, seja possível a criação de novos conhecimentos, mais críticos e reflexivos, com maior poder de transformação do contexto social. Segundo Freire e Shor (1986, p. 64-65):

O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. [...] o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. Outra coisa: na medida em que somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros, enquanto nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade, somos capazes de saber que sabemos, que é algo mais do que só saber, [...] nós, seres humanos, sabemos que sabemos, e sabemos também que não sabemos. Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade.

O que pode ser apreendido dos depoimentos e respostas das/os alunas/os participantes da investigação é que poucos são os/as professores/as que promovem uma aula mais dialógica e participativa em sua experiência de formação técnica. E lamentam essa situação. Ressaltam que os conteúdos são transmitidos pelo/a professor/a de maneira burocrática e que esse deve ser replicado. Como mostra a fala a seguir:

Os professores acham que somos um Windows 9, 10 sei lá, mas eu estou no 7 ainda. Eles acham que tudo, que falando a gente vai guardar. Você vai chegar, lavar as mãos e colocar as luvas, aí você vai seguir isso. [...] Igual pessoa que trabalha em telemarketing, igualzinho, tem um texto e você segue o texto, é assim (FM).

O processo de ensinar-e-aprender, para Brandão (2002, p. 73), não se dá automaticamente, tampouco verticalmente. Para o autor:

Não aprendemos e compreendemos alguma coisa quando a incorporamos de maneira habilitada, memorizada e acumulativa em nossa inteligência. Não aprendemos algo nem mesmo quando apenas integramos um novo saber e as suas novas vivências no todo de nosso ser, entre a mente e a sensibilidade. Aprendemos e, então, compreendemos algo novo, quando nos incorporamos ao círculo vivo da existência interativa dessa compreensão. Não sou o saber que eu sei nem possuo o conhecimento que aprendi. Sou o saber que me faculta ingressar na interação dos que sabem comigo e, cada um à sua maneira, aprenderam e aprendem ainda a saber como eu ou à minha diferença. Conheço não o que sei, mas aquilo que me abre o entrar em diálogo com os outros conhecedores ou buscadores, como eu, de um mesmo ou de um diverso novo saber.

Infelizmente a educação problematizadora sugerida pela Educação Popular é ainda uma prática distante da grande maioria dos cursos de formação profissional e da escola em geral. O contrário disso, que poderíamos chamar de educação bancária, entretanto, é algo perceptível e recorrente nos depoimentos das/os alunas/os. Conforme nos orienta Freire (2015) a educação bancária é o ato de depositar o conteúdo nos/as educandos/as, em que esses/essas são compreendidos/as como “depósitos” de informações. Ele continua afirmando:

[...] o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. [...] Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem (FREIRE, 2015, p.80).

Nesse contexto, notamos a consciência por parte dos/as alunos/as que uma educação de qualidade não depende somente do/a professor/a. Porém ressaltam que, quando em suas disciplinas são motivados/as a aprender e esse processo de ensinar-e-aprender se realiza de forma problematizadora, isso os/as estimula na busca por querer saber mais, e Ser

Mais.

O interesse vem dos dois: um pouco do professor em passar a apostila; mas sair do foco somente do material para complementar; e outro pouco do aluno, também em buscar mais (C).

Grande parte dos cursos técnicos ainda está preocupada em formar profissionais para o mercado de trabalho, e não para o mundo do trabalho, atentando em preparar o/a educando/a para reproduzir as técnicas, sem saber o porquê do fazer dessa forma, da importância de suas intervenções, tampouco em apresentar alternativas mais humanizadas e não mecanizadas.

O modelo de ensino de muitos desses cursos é vertical e instrumental, em outras palavras, bancário. Freire ressalta que o/a educador/a bancário/a, é aquele/aquela que exige somente o arquivamento de conteúdo, mantendo os/as educandos/as com uma consciência ingênua, não favorecendo o desenvolvimento de sua criatividade e consciência crítica da realidade em que se inserem (FREIRE, 2015). Realidade essa que inquieta educandos/as, pois percebem que as aulas são prescritas somente perante o que é exigido pela ementa do curso e de forma primordialmente teórica, descontextualizada, sem relacionar a teoria com o que possivelmente acontecerá na prática.

Segundo os dados levantados, para as/os participantes as/os docentes parecem não estar preocupados em dialogar, ou talvez tampouco tenham aprendido a fazê-lo em sua própria formação, não conseguindo articular suas experiências e as das/os discentes com as supostas dificuldades que poderão enfrentar no desenvolver da sua prática profissional. Alguns relatos ilustram esse cenário:

Eu acho que eles ficam presos nas ementas que a escola acompanha (EM).

[...] Dizem: eu não posso dar isso porque eu tenho que dar aquilo, e se der isso não vai dar tempo de cumprir a ementa (FM).

Essa transmissão de conhecimento, muitas vezes prescrita pela direção dos cursos em que trabalham, dificulta uma prática dialógica por parte das/os professoras/es e pouco estimula as/os discentes a analisar e refletir sobre a realidade que irão encarar em seu cotidiano laboral. Na opinião de nossos/as estudantes, o “fazer a diferença” deve partir da iniciativa de cada docente. Porém, em sua percepção como educandos/as de um curso de técnico, os/as professores/as partem do princípio que o importante é ensinar a teoria, ensinar a realizar a técnica, e não os/as fazer refletir sobre sua própria realidade. E essa instrumentalização do processo de ensinar-e-aprender dificultaria uma atuação mais humanizada, uma educação voltada para sua emancipação e transformação social. Tal compreensão está presente na fala da aluna abaixo:

Em técnico, diferente da faculdade, eu percebo o técnico, ele ensina muito a “mão na massa”. Faculdade ela te faz pensar, buscar material fora do contexto, buscar coisa diferente e aí eu acho que o pessoal sabendo que o técnico é a “mão na massa”, eles acham que não têm necessidade de você, por exemplo, sentar em uma roda e discutir a realidade. Eu acho que eles pensam que a gente já aprendeu o que precisa saber, o resto você vê lá, e é o que acontece, né? (BA).

A fala da participante traz uma idealização do ensino universitário, que seria por si só problematizador e crítico, em contraposição ao ensino técnico, representado pela “mão na massa”. Infelizmente, a interação teoria e prática também não se faz presente em muitas universidades brasileiras e, por vezes, a instrumentalização do ensino é recorrente nos diferentes níveis de escolarização.

Apesar das fragilidades apontadas, ressaltam que no corpo docente há aquelas e aqueles que buscam fazer uma educação diferenciada, mesmo cerceadas/os pelas exigências da ementa do curso, trazendo algo diferente para as aulas e trabalhando de forma dialógica, estimulando a participação. Porém, pelo que aparece em seus relatos, estariam em minoria.

Você tem um conteúdo de A a Z para passar em um período de alguns meses, um ano, vamos colocar vai. Aí, dentro daquela pauta você dá o conteúdo da maneira que você acha que tem que dar, aquilo vai enriquecer seus alunos; você falar sobre outros assuntos. Mas você dá, outros não, não escapam daquilo. Aí as pessoas saem com um ponto de interrogação e na hora do vamos ver a gente não sabe, tem dificuldade, fica faltando. É possível usar a pauta do dia e incluir mais coisas, é possível, falta iniciativa do professor (FM).

Os/as educandos/as sentem a necessidade do/a professor/a relacionar a teoria e prática, pois sabem que na prática as questões se mostram mais complexas do que diz a teoria.

Os professores precisam fazer mais um link entre teoria e prática, pois na prática é tudo diferente e a gente tem dificuldade em relacionar os dois. Na teoria tudo é lindo, mas a prática é bem diferente (EM).

Importante ressaltar que esse distanciamento entre teoria e prática é denunciado em muitos cursos de formação, o que significa que, provavelmente a teoria em que vem se apoiando não condiz com a realidade.

Nesse sentido, Freire (2016, p.24) ressalta a importância de relacionar a teoria com a prática e afirma que a prática vai auxiliando o/a educando/a, que é novato/a na área, em seu amadurecimento, vai “ratificando alguns saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele/ela vire um/a profissional” - no caso presente, técnico/a de Enfermagem. Continua ressaltando que a “prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode vir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo”. Evitando, assim, que idealizem um contexto laboral que na verdade não existe.

Os/as participantes acreditam que devido à forma que estão sendo educados/as, somente o estágio é que vai proporcionar melhor noção da realidade a ser enfrentada. Porém, demonstram receio de como irão desenvolver as atividades cotidianas.

Eu acho que o estágio vai ajudar muito, vai ensinar de novo, vai ser muito bom, assim espero (A).

No estágio o medo que tenho é sobre alguma situação, a tomada de decisão para realizar as coisas. Mas espero conseguir relacionar a teoria e a prática (BA).

Se você entra no hospital para fazer estágio você tem que saber pelo menos o básico, se não, não adianta. Parece que não sei nada. Se a pessoa tem medo de sangue, penso que ela com o tempo se acostuma. Mas tenho medo de não conseguir fazer as

coisas (C).

Como já mencionado anteriormente, a teoria não pode ficar somente no blá-blá-blá, pronunciado por Freire; ela deve ser profundamente articulada com a prática. Deste modo, a teoria precisa alimentar-se de situações reais com as quais os/as estudantes irão se deparar na prática e, assim, possibilitar que estes/as consigam identificar com maior clareza os desafios impostos pela realidade concreta e muitas vezes opressora.

A estreita relação teoria-prática pode contribuir para uma educação emancipadora, minimizando as inquietações de educandos/as com relação que irão encontrar no estágio e na prática profissional. Além disso, uma formação continuada poderia ajudar na própria atuação profissional, alimentando a esperança e a curiosidade, por se entenderem como sujeitos de sua própria história, capazes de criar, recriar e transformar.

Freire (2016) vem colaborar dizendo que o/a professor/a e estudantes devem assumir uma postura dialógica que não negue os momentos de explicação do conteúdo, pelo contrário, estimule a curiosidade epistemológica e os questionamentos. E continua afirmando que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar". Seus alunos/as *cansam*, não dormem. *Cansam* porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 2016, p.83-84).

Assim numa aula dialógica os/as educandos/as são estimulados/as a pesquisar e não ficar somente com o conteúdo oferecido, depositado. Existe a troca de saberes em que apreendem e ensinam juntos/as. Essa ação dialógica se faz necessária, pois é a partir dela que homens e mulheres conseguem desenvolver uma reflexão crítica ao se relacionar com o mundo e, dessa forma, encontrar caminhos de libertação de situações opressoras, de emancipação, enfim.

Os/as educandos/as ressaltam que a humanização é pouco discutida em suas experiências de formação, consequentemente, pouco problematizada na prática. Sendo assim, como solução para o problema, alguns propõem uma disciplina específica para falar do assunto em questão ou mesmo inserir na ementa que o professor/a deve relacionar o conteúdo da sua disciplina com a humanização, trazer situações reais para dialogar com os/as educandos/as.

Penso que para melhorar nossa formação poderia estar na ementa do curso, casos para relacionar teoria e prática, se tivesse na ementa eu penso que aconteceria. Por exemplo você dá uma aula de Ética e aí, dentro da aula de Ética, você tem que colocar situações reais, situações hipotéticas que você pode passar, como se fosse uma aula prática, entendeu. Dependendo do professor não precisava estar na ementa isso, mas a maior parte dos professores só vão em cima da ementa. Então para mudar esse tipo de coisa eu acho que tem que ser assim, em um primeiro momento. Falta uma matéria diferente para falar disso, teria que ter uma grade diferenciada de matérias. Por exemplo, quando estava fazendo gestão empresarial, que teoricamente é para você cuidar de uma empresa, eu tive matérias para cuidar de pessoas e não só para cuidar de funcionários, para cuidar de funcionários e para cuidar de você mesmo (BA).

Essa fala reflete um desejo muito comum que é o de resolver as questões escolares a partir da ampliação do currículo, como se isso fosse suficiente para transformar a prática educativa. Sobre esse tema, Freire e Shor (1986, p.15) vêm colaborar dizendo:

A educação é muito mais controlável quando o professor segue o currículo padrão e os estudantes atuam como se só as palavras do professor contassem. Se os professores ou os alunos exercessem o poder de produzir conhecimento em classe, estariam então reafirmando seu poder de refazer a sociedade. A estrutura do conhecimento oficial é também a estrutura da autoridade social. E por isso que predominam o programa, as bibliografias e as aulas expositivas como formas educacionais para conter os professores e os alunos nos limites do consenso oficial. O currículo passivo baseado em aulas expositivas não é somente uma prática pedagógica pobre. É o modelo de ensino mais compatível com a promoção da autoridade dominante na sociedade e com a desativação da potencialidade criativa dos alunos.

De acordo com Freire (2015), o/a professor/a que é dialógico, problematizador/a do conteúdo não o faz de forma de "doação ou uma imposição" o faz de forma organizada, estimulando o educando/a a pensar, a refletir sobre o que foi falado e a apresentar suas conclusões. Freire resalta ainda que o papel do/a educador/a não é dizer sua palavra, mas sim dialogar sobre a vida, para que educandos/as expandam seus horizontes e ampliem a sua própria visão do mundo.

Nessa concepção, não seria necessária uma ementa específica para tratar de todos os assuntos, mas sim de outra postura, pois "o/a educador/a problematizador/a refaz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos/as. Estes/as, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o/a educador/a, investigador/a crítico/a, também" (FREIRE, 2015, p.97). A problematização da realidade, através do diálogo, desperta o senso crítico e aguça a curiosidade epistemológica sobre a qual nos ensina Freire.

Os/as participantes alegam que sentem a necessidade de dialogar mais sobre o tema "humanização com o paciente" em seu curso, o que caberia tanto ao/a professor/a, como também ao/a futuro/a profissional. Ressaltam que a humanização vem de cada pessoa, que essa pode ser desenvolvida no decorrer de experiências vivenciadas no desenrolar da vida. Cada indivíduo tem que ampla possibilidade de desenvolver uma consciência crítica e de valores como a solidariedade, a amorosidade, a iniciativa de querer fazer o melhor para o outro. E isso pode ser aprendido, exercitado, buscado, resgatado. Segundo as/os participantes seria uma escolha assumir esse desafio ou não.

Eu acho que a pessoa pode ter a lição, fazer prova, fazer tudo, se a pessoa for ignorante (31), mal-educada, não há matéria alguma que vai fazer ele ser uma pessoa humanista. Isso vem da pessoa (FM).

A conscientização é, portanto, mais um eixo muito importante quando se trata de formação técnica em Enfermagem, articulada com os pressupostos da EPS.

Éis um grande desafio para a área, cuja resposta reside numa luta constante pela compreensão de que somos pertencentes a uma sociedade e, por isso mesmo, igualmente responsáveis na busca para que ela se torne mais justa, mais humana, mais democrática. Democracia essa que, segundo Freire (2015), não acontece de repente, mas processualmente e demanda comunhão, participação, comprometimento e libertação de toda e qualquer forma de opressão.

A busca contra essa “contaminação” é uma forma de nos emancipar das garras das influências de um sistema que tenta impor que sejamos e ajamos todos da mesma forma, sem contestar, sem criar, apenas reproduzindo a ordem estabelecida.

Além do mais, a hierarquia em que se assenta a prática na área da Saúde, separando em status muito claros e definidos a quem cabe cada tarefa – à classe médica o diagnóstico e prognóstico; às/aos enfermeiras/os a supervisão das atividades desenvolvidas pelos auxiliares e técnicos de enfermagem, e o cuidado para que pacientes recebam o tratamento adequado incluindo aqueles com maior complexidade; e às/os técnicas/os a função da execução de todo o trabalho de rotina vinculado à assistência e cuidados com o/a paciente – naturalizando uma separação que é construída socialmente e que reforça um embrutecimento das relações. Todas as pessoas envolvidas perdem com isso e, em geral, o elo mais frágil dessa corrente é representado pelo/a paciente pobre, atendido pelo Sistema Único de Saúde, aqueles e aquelas que estão numa situação de opressão mais flagrante.

As amarras desse modelo excludente e horizontal podem e devem ser problematizadas nos cursos de formação, e não somente em nível técnico. Como afirma Freire: somente libertando o opressor que o oprimido pode libertar-se. Para o autor a libertação:

[...] é um parto. E um parto doloroso. O homem [e a mulher] que nasce deste parto é um homem [ser humano] novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem [ser humano] novo, não mais opressor; não mais oprimido, mas homem [ser humano] libertando-se (FREIRE, 2015, p.48).

A proposta da EPS sugere um novo olhar para realidade, proporcionando uma melhor compreensão de nossa história para, com isso, nos identificarmos como seres pertencentes a esse todo, possibilitando assim lutar para mudar o que precisa ser mudado. Favorece também ao/à professor/a o desenvolvimento de um olhar mais minucioso por parte de nossos/as educandos/as, uma vez que eles/elas podem se pronunciar, problematizando o contexto em que se encontram e preparando-se para possíveis enfrentamentos em sua prática profissional.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Das narrativas das/dos discentes, podemos inferir que estes/as estão longe de ter uma formação humanizada, pelo contrário, a ênfase do processo educativo recai sobre um certo ativismo, sobre o aprendizado e realização de técnicas mecanicamente. Não são preparados para agir de forma mais humana e reconhecer as situações opressoras de sua prática para transformá-las. Os relatos indicam que, mesmo sendo ingressantes no curso técnico de Enfermagem, sentem essa lacuna e gostariam que seu ensino fosse diferente. Além disso, anunciam poucas possibilidades de eles/elas próprias se tornarem mais protagonistas de sua educação.

Acreditamos que a Educação Popular e Saúde pode contribuir fortemente na formação de educandos/as de cursos técnicos de Enfermagem, fortalecendo princípios como amorosidade, construção conjunta de saberes, diálogo, problematização, emancipação, conscientização, entre outros.

O diálogo verdadeiro pode favorecer uma formação mais humanizada, criando possibilidades de as/os estudantes identificarem, refletirem e proporem diferentes soluções para possíveis problemas que venham a encarar em suas atividades teóricas e práticas, comprometendo-se com suas possibilidades de “Ser mais” e, dessa forma, atuar concretamente para a transformação da realidade opressora.

Assim, tomados pela consciência de seus próprios atos, podem intervir, quando for necessário, para um novo planejamento das ações com o propósito de alcançar os objetivos traçados, fortalecendo sua autonomia.

Nossos educandos/as ainda apresentam uma formação voltada às exigências do mercado de trabalho. Eles/as são treinados para execução de técnicas, com pouco estímulo para o desenvolvimento de senso crítico e reflexivo, com um olhar reduzido para as realidades do mundo, com conteúdo que reforçam e impõem certas “verdades” como sendo únicas e imutáveis.

Observamos que esses/as estudantes querem “fazer diferente” quando estiverem atuando na prática; questionam a execução e atuação desumanizada por parte de alguns/umas profissionais de Enfermagem e buscam, na sua formação, a mudança desse comportamento.

Ao mesmo tempo percebem que a educação que estão recebendo está voltada para formar “mão-de-obra”, suprir a necessidade do mercado de trabalho, para uma “linha de produção” e muito pouco para saber escutar o outro, valorizar seus saberes, respeitar o tempo do outro, compreender suas necessidades. Sentem falta de uma iniciativa, por parte das/os docentes, que gere maior reflexão sobre as situações do mundo que os envolve e se queixam de que esses/as mesmos/as docentes, não consideram essa reflexão como essencial para sua formação.

Os princípios da EPS, quando trabalhados em sala de aula, podem estimular os/as educandos/as à curiosidade, a entender que cada pessoa - seja professor/a, colegas de sala, pacientes, colegas de trabalho, eles/elas próprios/as - possui uma história, uma cultura e certos conhecimentos. E esses podem se somar e complementar. Nossos conhecimentos são inconclusos, estão em constante construção e transformação, conforme nos relacionamos com as pessoas e com o mundo, adquirimos outros novos e, assim, vamos ampliando nossos horizontes.

Os resultados da investigação indicaram a necessidade de maior presença das premissas da EPS na área da Enfermagem, pois é visível tanto na academia como no meio profissional o pouco conhecimento dessa modalidade de ensino por parte dos/as agentes da saúde.

Novos estudos sobre essa temática e novas abordagens se fazem urgentes no sentido de apontar caminhos para uma educação mais humanizada, visando à inserção num *mundo do trabalho* cada vez mais humanizado e solidário em contraposição ao *mercado de trabalho* precário, horizontal e excludente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, P.C; STOTZ, E.N. A educação popular na atenção básica à saúde no município: em busca da integralidade. **Interface, Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v.8, n.15, p.259-74, mar. -ago. 2004.

ALVEZ, G.G; AERTS, D. As práticas educativas em saúde e a estratégia saúde da família. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro v.16, n.1, p.319-325, 2011.

AMARAL, M.C.S; PONTES, A.G.V; SILVA, J.V. O ensino de Educação Popular em Saúde para o SUS: experiência de articulação entre graduandos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde. **Interface, Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu. v.185, n.2, p. 1547-1558, 2014.

BARBOSA, T.L.A et al. Expectativas e percepções dos estudantes do curso técnico em enfermagem com relação ao mercado de trabalho. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.20, n.spe, p. 45-51, 2011.

BRANDÃO, C.R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

BRANDÃO, C.R; BORGES, M.C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v.6, p.51-62. jan.-dez. 2007

DALENOGARE, V; ALBERTI, D.L. Educação Popular: Saberes Intrelaçados. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**. v.7, n.12, p.73-80, mai. 2011.

DIAS, A.P et al. Perfil e perspectivas de alunos na educação profissional técnica de nível médio em enfermagem de uma escola pública do Paraná. **Fiep Bulletin**, v.83, s/p, 2013.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 18 v. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 59°. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53°. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2016.

MINAYO, M.C.S (org). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, P.B.G; BERNARDES, N.M.G. Roda de Conversas- Excelência acadêmica é a diversidade. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.30, n.1, 2007.

SULZBACHER, A.W et al. Educação Popular numa perspectiva de formação continuada de educadores do MST. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/016e5.pdf>> Acesso em: 25 jun.2017.

VASCONCELOS, E.M. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p. 67-83, 2004.

VASCONCELOS, V.O.; OLIVEIRA, M.W. Educação Popular: uma história, um *que-fazer*. **Educação Unisinos**. 13(2):135-146, maio/agosto, 2009.

[1] Os e as participantes da pesquisa foram 16 educandos/as matriculados no curso de Técnico em Enfermagem, sendo dez mulheres e seis homens.

[2] Os nomes utilizados na pesquisa são fictícios, nesse artigo optamos por utilizar somente as iniciais. Além disso, optamos também por deixar os depoimentos em itálico para diferenciar das demais citações literais.

[3] O termo ignorante é utilizado pela aluna como sendo uma pessoa que pensa possuir um saber absoluto.